

## SOARES, Gilson. *55*. Cariacica: Cândida, 2018.

---

Lucas dos Passos\*



**G**ilson Soares nasceu em Ecoporanga, numa quinta-feira, por volta das cinco da tarde, em 1955. À parte os elementos pré-textuais, essas são as primeiras informações que se retêm de *55*, quinto livro do poeta capixaba que assina como “g.” o prefácio, de título “Cinco por cinco”. É digno de nota que essas sejam as primeiras *informações* encontradas no texto quando ultrapassamos a fronteira do sumário porque reúnem, em gérmen, uma série de fundamentos da sequência de poemas que virá: há, ali, pela força da redundância descoberta, a alusão à carga vivencial que imperaria sobre os versos da obra, a atração pelo acaso – muitas vezes matemático, não raro travestido de

---

\* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

suspeita coincidência – e um gosto pela ironia, pois o poeta termina a primeira sentença de *55* dizendo que os fatos alhures citados não contribuíram “em nada para a escolha do título numérico deste livro de poesia” (SOARES, 2018, p. 7). Ademais, a reiteração que se dá pela visão diplópica do número cinco, sobre imponente fundo rosáceo, desde a capa do livro, entrega, como síntese, importante valor poético para a cena que se deslinda a contar do prefácio; afinal, a poesia de Gilson Soares – mormente versilibrista – repousa necessariamente no conceito básico de verso, que é volta, retorno, repetição (mesmo que pelo avesso), reiteração de som-imagem-e-sentido construída da extremidade em que o arado faz a curva até a margem onde se inicia a nova linha. Calcada em versos e anversos, em dobras sobre si mesma, a construção do autor pressupõe, porém, ainda um outro elemento que ratifica a importância de repetir-se: se não é a profusão de números cinco na vida do autor que o levou à escolha de *55* para intitular seu quinto volume de poemas, é porque, simplesmente – embora seja daquelas singelezas de que muitas vezes se desconfia –, são cinquenta-e-cinco os poemas perfilados no livro, após cuidadosa seleção operada a quatro mãos com amparo crítico de Reinaldo Santos Neves – poeta e ficcionista que, diga-se, tem especial afeição por prefácios e autorreferências irônicas. Ora, se se trata de uma seleção, o conjunto de textos poéticos que se tem adiante é, naturalmente, uma releitura – de si, como outro e como mesmo –, elemento que forma mais uma dobradura na duplicidade de cincos estampados em capa e prefácio.

Passadas as primeiras páginas, vê-se que o espectro temático desenhado pela obra é evidentemente vasto; e, posto que haja uma variação formal nítida – lemos poemas que buscam a padronização estrófica, três sonetos ortodoxos, poemas seccionados, alguns com mais atenção à métrica e muitos outros em verso livre –, como não poderia deixar de ser, alguns assuntos se repetem. Deles, como também é natural a poetas, a atração pelo tema da escrita perpassa um conjunto numeroso de versos: desde “Versinho”, primeiro poema, à última estrofe de “Minério”, que encerra o livro, a metalinguagem se faz presente, aliando a matéria dos versos à reflexão sobre o fazer poético de tal modo que, por vezes, o resultado é metapoesia “pura” – do que se extrai a ambição do poeta

ao tentar elaborar uma teoria de si, como versejador, e do poema, como sua voz e corpo, não raro impregnados de outrem:

### **Desventura**

Hoje  
o vento arfando incerto  
no espaço vazio  
onde seu corpo outrora.

Agora  
o nada inventando formas  
diante dos meus olhos  
onde seus olhos ontem.

e  
o silêncio tentando gritar  
murmúrios ao meu ouvido  
como sua voz então.  
(SOARES, 2018, p. 24).

A transcrição integral do poema acima permite vislumbrar um dos pontos altos da poesia de Gilson Soares. Nele, no presente que funda – reforçado pela marcação temporal de um “hoje” e um “agora” que se atualizam a cada leitura – , assiste-se à cadência do silêncio como ponto de apoio fundamental ao sentido. E mais: os versos ponteam um outro aspecto central da obra: a constante referência ao corpo, frequentemente o corpo da amada, orquestrado como duplo do corpo do poeta (dado que se denuncia na relação especular dos olhos, em “Desventura”), em jogo de presença-ausência. Esse corpo erotizado, desejado em cenas declaradamente inventadas, se lê também, por exemplo, no primeiro soneto de *55*, mais ou menos na metade do livro:

### **Banho e fantasia**

A água, se desliza por teu corpo,  
inventa ondas, angras, enseadas,  
ou se faz rio, doce, sinuoso  
por selvas, serras, vales, esplanadas;

sobre a topografia do teu corpo  
chove o chuveiro público água farta  
inundando o país misterioso  
que observo com olhos de pirata;

nasce o desejo na tarde em Bicanga,

brinca a brisa em tua pele molhada.  
Eu alço voo. A paisagem canta!

Registro a fantasia que não ousou:  
navegar pela líquida estrada  
da água que desliza por teu corpo!  
(SOARES, 2018, p. 59).

Obedecendo ao padrão decassilábico, “Banho e fantasia” escapa do ritmo heroico – iniciado em iambo ou troqueu ou até mesmo martelado na terceira sílaba – apenas no primeiro terceto, o que demonstra certo apuro na técnica, condição *sine qua non* para se esquivar do erotismo e/ou do sentimentalismo brejeiro. A tentativa do soneto não anula, porém, um tom (elevado pelas exclamações) de voltagem deveras romântica, quiçá carente de atualização crítica, uma vez que a imagem – a paisagem – repete antigos clichês de cenas de pele molhada, que a brisa beija e balança. A esse respeito, é preciso que se diga: em tempos de luta pela emancipação do corpo feminino (o soneto foi publicado originalmente em 2014), o olhar erótico masculino sobre a mulher carece de ajuste. Por mais que no poema em questão o sujeito que fantasia a cena não se declare homem e aquilo que se deseja não se apresente mulher, o fato de estar ladeado por incontáveis versos (como os de “Angélica”, “Bela, adormecida”, “Acidente” e tantos outros) que repercutem o enlace amoroso heterossexual da perspectiva masculina o contamina desse ponto de vista tradicional. Não se discute que este seja *topos* para lá de sacramentado na tradição literária, e não há patrulha que possa simplesmente apagá-lo (afinal, o apagamento absoluto pode, entre outras coisas, breçar o necessário debate); mas não se discute também que mereça alguma sondagem crítica quando abordado, por um poeta homem, nesta ponta da História.

Coincidentemente, é consciência crítica, sobretudo no que tange ao trabalho formal, que Gilson Soares pede ao poeta no último poema do livro, já mencionado aqui: “Minério”. Nessas que são as duas últimas páginas da obra, os versos traçam um desenho que demonstra o alto valor do labor poético, deixando ressoar as lições apreendidas por Bilac da poética clássica:

Fique aí remexendo palavras, poeta.  
A vida espera.

Amalgame-as  
com a sua saliva  
à seiva seca do papel;  
torneie-as  
até torná-las belas;  
lapide-as  
até vê-las límpidas;  
alixe-as  
até que elas luzam:  
lustre, com destreza, a sua lira.

A construção do poema se pauta na enumeração de conselhos a um interlocutor, mas mal disfarça, pela alcunha que cabe ao ouvinte-leitor, ser ele o próprio poeta, que mais uma vez se desdobra no papel e procura, em seu reflexo, reflexão. Mais que uma profissão de fé, o poema se revela busca por um salvo-conduto, pautado num primeiro argumento simples: como a vida espera, há tempo para remexer as palavras, degluti-las, alinhá-las, poli-las até o justo brilho – sim, porque a vida espera. Contudo, a partir da terceira estrofe, que transcrevo abaixo, a vida anda, dança, balança, faz peripécias e expira, invertendo a lógica que se cria no início do poema; e isso não anula o percurso dos versos iniciais, pois é justamente o trabalho descrito na segunda estrofe que permite à poesia e ao poeta sobreviverem à própria vida, como minério mínimo da existência (ou pervivência), repetindo o clássico *exegi monumentum* horaciano:

Sem atropelos, poeta,  
a vida anda:  
no seu balanço,  
na sua dança,  
sem descanso,  
a vida vai

faz peripécias  
estripulias  
depois expira,  
vira mistério:

ficam a poesia  
e o poeta  
feitos minério.  
(SOARES, 2018, p. 114-115).

A essa altura, depois de pontos de parada no começo, no meio e no fim do livro, é preciso fazer (mais uma) volta, para alinhar alguns dados elementares: das orelhas ao prefácio, destaca-se que a seleção das cinco dezenas e meia de poemas concentrou-se apenas nos três primeiros livros do autor (*Rosa dos ventos*, *Canção da meia-idade* e *Minério*), excluindo-se as duas últimas obras trazidas a lume por Gilson Soares (*Poesia de bolso* e *pequenos poemas pedestres*). À margem da constância de temas que se vem aqui notando, correm os anos entre os três primeiros livros que emprestam poemas para 55: há, entre *Rosa dos ventos* e *Canção da meia-idade*, um intervalo de 12 anos – algarismo que coincide, aliás, com a quantidade de poemas destacados de ambos os livros. De *Canção da meia-idade* a *Minério*, o arco é ainda maior: as duas obras são intervaladas por 17 anos, de modo que a seleta feita pelo escritor ao lado de Santos Neves percorre, pelo menos, 29 anos de poesia e vida. (Nenhum acaso contábil por aqui.)

Última volta, para informações básicas que se afiguram quando se abrem as primeiras páginas de 55 – sentido principal para onde deve apontar esta resenha: o livro é de 2018 e, em publicação bem cuidada da Cândida Editora, representa o número 16 da importante Série Estação Capixaba; engrossa, portanto, o caldo da poesia local – o que não impede, e na verdade valoriza, suas peregrinações.

Recebida em: 1º de agosto de 2019.  
Aprovada em: 15 de outubro de 2019.